

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS MODERNAS
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA ESPANHOLA E
LITERATURAS DE LÍNGUA ESPANHOLA

Mariana Lemos Ribeiro

**PENSANDO EM UMA EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE
NA FORMAÇÃO DOCENTE**

Porto Alegre, RS.

2010/02

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS MODERNAS
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA ESPANHOLA E
LITERATURAS DE LÍNGUA ESPANHOLA

Mariana Lemos Ribeiro

**PENSANDO EM UMA EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE
NA FORMAÇÃO DOCENTE**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras Língua Espanhola e Literaturas de Língua Espanhola da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Luciane Magalhães Corte Real

Porto Alegre, RS.

2010/02

Dedico este trabalho ao meu avô Lindolfo,
que foi ao mesmo tempo avô, pai e amigo para mim.
Também foi a pessoa que mais me deu força para percorrer
os caminhos sinuosos, cheios de pedras dessa longa caminhada.
Obrigada pelos bons conselhos que me deste para trilhar novos rumos.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer especialmente à minha mãe pelo constante e incansável apoio nos momentos em que mais precisei e por ter me passado confiança para percorrer diversos caminhos.

À minha família que sempre acreditou na minha conquista e que me deu segurança para as minhas caminhadas.

Aos meus amigos que estiveram do meu lado nos momentos de descontração e alegria.

Às minhas colegas de curso, Luciane e Luíze, por terem dividido comigo momentos de angústia e de dúvida diante do nosso futuro.

À professora Luciane Corte Real por ter reconhecido meu esforço e ter me incentivado neste processo, enriquecendo meu aprendizado.

Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.

Antonio Machado

RESUMO

Este trabalho aborda a relevância da temática da sexualidade na universidade, pensando a formação docente. Para isso, foram revistas algumas definições e concepções de sexualidade segundo alguns especialistas, principalmente o sociólogo e reconhecido Educador Sexual Argentino Aller Atucha. Com a finalidade de analisar se realmente há a necessidade de abordar o assunto na universidade foi realizado um estudo qualitativo utilizando como instrumento um questionário, que foi aplicado nas turmas da disciplina Psicologia da Educação: Adolescência I, da UFRGS. A partir dessa breve análise, pode-se afirmar que os alunos não se sentem preparados para trabalhar a temática da sexualidade em sala de aula e que por isso acreditam que seria muito relevante que as universidades que formam professores abordassem o assunto de maneira mais objetiva e direta. Portanto, a sexualidade que também se mostra presente no âmbito universitário - e não somente no âmbito escolar - não pode ser mais silenciada e negada.

Palavras-chave: Sexualidade. Formação Docente. Sexualidade na universidade.

SUMÁRIO

1	PRIMEIROS PASSOS. ANDANDO POR CAMINHOS SINUOSOS	8
2	SEXUALIDADE E SEUS POSSÍVEIS CAMINHOS PARA PERCORRER	15
3	PRINCIPAIS CAMINHOS (CONCEPÇÕES) DE SEXUALIDADE SEGUNDO ALLER ATUCHA	18
3.1	Concepção Moralista	18
3.2	Concepção Erótica	19
3.3	Concepção Biológica	19
3.4	Concepção Mecanicista	20
3.5	Concepção Patológica	20
3.6	Concepção Integral	21
3.7	Concepção Dialógica Conscientizadora	21
4	CAMINHO METODOLÓGICO DE ANÁLISE	23
5	ANALISANDO QUESTIONÁRIOS	24
5.1	Sexualidade	24
5.2	Importância da sexualidade na universidade	29
5.3	Disciplinas da graduação	32
5.4	Sentir-se preparado	34
6	CAMINHOS PERCORRIDOS E NOVOS RUMOS	36
7	LOGRADOUROS	38
	APÊNDICE A – Questionário	40
	APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	41
	ANEXO A – Tabela dos dados de identificação dos alunos	42
	ANEXO B - Fotos dos banheiros da FACED da UFRGS.....	43

1 Primeiros passos. Andando por caminhos sinuosos

Neste trabalho, pretendo abordar uma questão que considero imprescindível no âmbito da educação: a sexualidade na formação docente. No entanto, antes de engajar-me propriamente no tema, farei uma breve narração dos meus primeiros passos em relação à sexualidade e logo irei expor as minhas impressões e meus anseios diante desse assunto. Portanto, com a ajuda da minha memória, apontarei os aspectos que considero relevantes para contar a minha caminhada em direção ao tema da sexualidade, lembrando que é uma caminhada sem fim, pois

A volta ao passado [...] me fez reconhecer minha história de vida como uma caminhada consciente e constante na busca de um saber que não se acaba em si mesmo, mas que serve como ponto de partida para a descoberta de outros saberes. (OLIVEIRA, 1994, p. XVIII)

Sexualidade sempre foi uma questão que me fascinou muito, desde pequena já tinha várias dúvidas mas, é claro, sem saber que essas dúvidas eram referentes a um nome grande e que parecia ter um significado complexo: sexualidade. Isso acontece porque é algo intrínseco ao ser humano, ou seja, vivemos todas as horas, minutos e segundos a nossa sexualidade e não precisamos nomeá-la.

Eu tive uma infância muito boa: meus pais não eram muito conservadores e deixavam-me brincar livremente com quaisquer brinquedos - mesmo com aqueles que geralmente eram destinados aos meninos -, inclusive eu adorava brincar de bolinha-de-gude com meu irmão e não tinha muita paciência de brincar com bonecas. Mais ou menos nessa época eu perguntei à minha mãe como os bebês iam parar na barriga da mulher, ao que ela me respondeu que o papai colocava uma sementinha dentro da barriga da mamãe. Depois descobri que para o papai fazer aquilo eles tinham que fazer sexo. Com esse descobrimento fiquei ainda mais curiosa sobre o que significava e representava aquela palavra secreta e cheia de mistérios. No princípio, eu associei sexo à reprodução e não como algo que proporciona prazer, mas também não o relacionava como algo negativo.

Com minhas experiências e com os relatos das experiências de amigos, pude observar que as principais instituições (família, mídia, escola, igreja) incutem em todos nós,

desde muito cedo - às vezes de forma inconsciente -, regras de conduta em relação à sexualidade. Por exemplo: na mulher aparece a vontade de ser mãe e esposa, porém a que não tem esse desejo é julgada e questionada. Inclusive, a sociedade ficará com uma visão negativa dessa mulher, sendo vista como estranha e problemática. No entanto, acredito que hoje esse panorama social já está em constante mudança e o cenário está diferente da época dos meus antepassados, pois hoje as pessoas estão mais abertas para as outras possibilidades e maneiras de viver a sexualidade, mas ainda não estou segura até que ponto estamos abertos quanto a isso.

Na minha pré-adolescência surgiram muitas dúvidas: sobre masturbação, se era pecado ou não; se eu beijaria bem; se meus seios seriam grandes; se eu seria uma mulher *sexy*; entre outras questões. Já na adolescência, outras questões emergiram com o primeiro namoro: veio o medo da gravidez, as questões sobre pílula anticoncepcional, camisinha, orgasmo, etc. Além disso, indagações sobre feminilidade, instinto materno e sobre o que era uma “mulher de verdade”. Esses questionamentos eram muito presentes na minha cabeça.

O mundo à minha volta me dava algumas respostas, as quais não me satisfaziam: eu queria mais. Queria entender como as relações de poder funcionavam, quem ditava as normas, o que era realmente certo ou errado, normal ou anormal. Eu percebia que algo estava mal, não queria fazer parte daquele universo hostil, preconceituoso, cheio de crenças e valores deturpados. Aquilo não fazia parte de mim e, felizmente, percebi que havia outras possibilidades, outras maneiras de ser mulher. Conforme Simone de Beauvoir: “La mujer no nace, se hace [...]. La feminidad se fabrica, como también se fabrica la masculinidad y la virilidad” (on-line). Passei, então, a observar os comportamentos das pessoas: como falavam, como se vestiam, suas maneiras de ser e estar no mundo, para compreender melhor o que estava acontecendo.

Depois de um tempo, apesar de já estar mais esclarecida sobre sexualidade, não conseguia entender muito bem (até hoje algumas questões estão sem respostas claras) a razão das pessoas, ao falarem de sexo, recorrer a distorções, mentiras ou piadas maldosas e comentários cheios de julgamento. Agora, posso dizer que são apenas maneiras que os indivíduos encontram para se expressar num assunto tão difícil e complicado, pois, querendo ou não, falar de sexualidade é falar de nós mesmos, e isso traz certa insegurança, como se estivéssemos revelando nossos segredos.

Acredito que as pessoas constantemente estão em contato com alguma educação sexual, mesmo que seja uma educação sexual inadequada ou silenciada – ainda assim, mesmo com o silêncio, acabamos aprendendo muito. Das diversas educações que tive contato na infância, duas foram muito importantes para mim: uma na escola e outra em casa. O mais interessante é que eram totalmente antagônicas.

Estudei numa escola particular católica onde a palavra sexo não era proferida por ninguém, era silenciada. No entanto, em casa, o sexo era tratado com naturalidade pelos meus pais, a nudez era algo normal, não relacionada com sexo, sendo apenas uma maneira de se sentir mais à vontade. O que sou hoje é o resultado dessas duas educações sexuais e de outras que fui conhecendo nos caminhos que percorri até agora.

No entanto, isso não quer dizer que sou completamente resolvida nesse aspecto, pois estou em constante transformação. Penso que, mesmo na terceira idade, ainda estarei aprendendo sobre minha sexualidade e a dos outros. É uma educação integral, continuada e permanente. Isso ocorre porque a sexualidade tem relação com a história e com o meio social, sendo o produto das experiências e dos desejos, coletivos e individuais. Em outras palavras, a cultura ensina o que é ser homem e o que é ser mulher, e, nesse sentido, Guacira Louro (1999) afirma que,

As muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas. (LOURO, Guacira. 1999, p.9)

Agora, estou na transição adolescente-adulto, entrando no mercado de trabalho, cheia de expectativas e motivações para meu trabalho como professora de espanhol. Ao pensar nas perguntas que meus alunos poderão fazer em torno da sexualidade, percebo que não estou preparada para respondê-las. Não pretendo responder com um silêncio, ou de uma maneira simplista como a maioria dos professores faz, muitas vezes para não se comprometer, porém

é assim que continuam reproduzindo os discursos machistas e heterossexistas.

Para me apropriar mais do tema da sexualidade fiz duas disciplinas: “Taller de Educación para la Salud” e “Pensar la práctica docente en clave de género”, na Universidad del Litoral (UNL), através do intercâmbio estudantil que fiz no segundo semestre de 2009 em Santa Fe, província da Argentina. A primeira aborda questões sobre sexualidade e drogas e a segunda faz uma reflexão sobre os discursos dos docentes acerca dos gêneros sexuais.

Quando cheguei à UNL para cursar algumas disciplinas de Letras, descobri que eles estavam oferecendo essas duas disciplinas e não tive dúvidas de que deveria cursá-las, já que na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) não tem nenhum currículo ou disciplina que aborda tão diretamente as temáticas dessas disciplinas.

A princípio, pensei que finalmente estava cursando matérias em que minhas incertezas, dúvidas e anseios poderiam ser combatidos. No entanto, percebi que estava diante de apenas um por cento da gama de conhecimentos, perspectivas, teorias que existem sobre sexualidade, pois é um universo grandioso, cheio de novos caminhos para percorrer. Essa descoberta me fez querer saber mais e não parar por ali, então decidi que caminho seguiria na minha formação, tanto docente quanto humana.

Quando cheguei ao Brasil, queria muito continuar com os meus estudos referentes à temática sexual, porém, como disse anteriormente, essa temática na Faculdade de Educação (FACED) e/ou na Letras da UFRGS não é suficientemente abordada. Apesar disso, não deixo de acreditar que num futuro próximo será pensada uma disciplina que abordará, de maneira clara e direta, a temática da sexualidade e de gênero sexual, pois cada vez mais aumenta a abertura para abordar o assunto em salas de aula. Isso combaterá o atual despreparo dos professores egressos dos cursos de Licenciatura nessa temática.

Por esses motivos, neste trabalho irei questionar a falta da temática da sexualidade na formação docente, pois acredito que é um assunto relevante para a Educação Brasileira. Na Argentina, por exemplo, desde 2006 existe uma lei chamada "Programa Nacional de Educación Sexual Integral", com o objetivo de prevenir as doenças sexualmente transmissíveis (DST), prevenir a gravidez indesejada e promover a saúde sexual dos adolescentes. No 1º Artigo explicita que

Artículo 1º - Todos los educandos tienen derecho a recibir educación sexual integral en los establecimientos educativos públicos, de gestión estatal y privada de las jurisdicciones nacional, provincial, de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires y municipal. A los efectos de esta ley, entiéndase como educación sexual integral la que articula aspectos biológicos, psicológicos, sociales, afectivos y éticos.

Como podemos perceber, as escolas argentinas são obrigadas a oferecer uma *Educação Sexual Integral* aos seus alunos e, conseqüentemente, as universidades argentinas têm que preparar seus futuros docentes para essa educação. As disciplinas que cursei na UNL visavam esse objetivo. No Brasil ocorre o contrário: a sexualidade é somente pensada, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de 1996, como um tema transversal e, dessa forma, não é valorizada e vista como algo imprescindível na educação, pois ainda é vista como uma questão que pertence à família. Isso pode demonstrar que, infelizmente, em pleno século XXI no Brasil, o sexo ainda é tabu.

No entanto, ter acesso à informação sobre sexualidade é um direito de todos, inclusive de crianças e de idosos. Temos que pensar numa educação que visa à saúde mental e física dos estudantes, pois acredito que sexualidade é uma questão de saúde pública, visto que adquirindo conhecimentos sobre a nossa sexualidade e dos outros sabermos não só a nos proteger das DST, mas também teremos mais consciência do nosso corpo e dos nossos atos e sabermos as conseqüências e efeitos de nossas atitudes. Assim, estaremos mais saudáveis física e psicologicamente.

Muitos acreditam que ainda não há Educação Sexual nas escolas porque os professores não são qualificados para isso, não estão preparados para lidar com um tema tão complexo e delicado. Isso é verdade, pois a maioria dos cursos de Licenciatura não abarca os conteúdos de sexualidade e gênero, ou seja, não preparam os futuros docentes para um trabalho que possa dialogar com essas temáticas. Além disso, os professores não são levados a refletir sobre seus discursos e seus comportamentos em sala de aula, esquecendo que o corpo também fala e se expressa, revelando, dessa forma, o seu posicionamento diante de tudo, inclusive sobre suas crenças e conceitos de sexualidade: o que é certo ou errado, o que é normal e anormal, o que é legítimo e ilegítimo. Para confirmar isso, Luiz Fernando Alvarenga e Maria Claudia Igna expõem que

A escola configura-se como mais uma instância onde circulam saberes sobre o corpo e a sexualidade. Nós, professores, estamos comprometidos diretamente com a (de)formação dos corpos dos estudantes. Portanto não somos meros observadores. As suas identidades não estão prontas, nem nunca estarão. Participamos desse processo de (des)construção das identidades, com o que falamos, ensinamos (com nossa presença) e também com o que silenciemos (por nossa ausência). (ALVARENGA; IGNA, 2004, p. 70-71)

Para pensar e refletir algumas questões relevantes para este trabalho analisarei as respostas de um questionário que fiz com universitários da UFRGS da disciplina Psicologia da Educação: Adolescência I, nas turmas A e B. Escolhi os alunos dessa disciplina porque eles serão ou já são professores de adolescentes. Por que adolescentes? Porque é um público que tem uma necessidade enorme de responder suas questões sobre sexualidade, algumas que já estavam em aberto desde a infância. Também porque a adolescência é uma fase/etapa muito complicada na qual se tem diversos conflitos internos e na qual os hormônios estão “explodindo”, e os professores devem estar preparados para lidar com esse público.

Além disso, como se observa uma defasagem de conteúdos de gênero e sexualidade nos currículos de formação inicial de professores da UFRGS, outro objetivo deste trabalho é saber, através dos questionários, se realmente não há a temática da sexualidade nas disciplinas da FAGED e de outros cursos; e, se existem, de que maneira são abordados: direta, indireta ou brevemente.

Não tratarei, neste trabalho, a sexualidade somente do ponto de vista biológico, mas principalmente como um construto sócio-cultural e linguístico, pois acredito que nossa sexualidade é o produto e o efeito das relações de poder. Esse poder é invisível, mas está sempre atuando através das falas e dos comportamentos das pessoas e, sem perceber, são incutidos no nosso imaginário os valores e as crenças que a sociedade idealizou, como, por exemplo, a heterossexualidade, a monogamia, e o sexo somente com o objetivo da reprodução. A sociedade tenta enquadrar-nos sexualmente. Infelizmente, a escola e os professores, de muitas maneiras, colaboram para isso.

Foram tantos discursos moralizantes, errôneos, irracionais e mitológicos que,

inclusive na atualidade, esse conceito de sexo continua muito presente na nossa mente, isto é, está enraizado em nós mesmos depois da suposta liberação sexual da década de 60 e da eclosão sexual da atualidade (em que o sexo vende e é notícia). A instituição que mais proferiu e ainda profere esses discursos em relação ao sexual é a Igreja Católica, e, como afirma Foucault (2007),

La técnica de interiorización, la técnica de toma de conciencia, la técnica de vigilancia de uno mismo por sí mismo, con relación con sus debilidades, con su cuerpo, con su sexualidad, con su carne, me parece que es la aportación fundamental del cristianismo en relación con la historia de la sexualidad. (FOUCAULT, 2007, p. 29)

Partindo das minhas experiências e de relatos de amigos, pude perceber a quantidade enorme de questões sobre a sexualidade que desde bem pequenos já desenvolvemos e que deixamos em aberto, além das crenças e valores disseminados. Temos muito que aprender ainda. Devemos repensar nossas práticas e nossos discursos para não reproduzirmos os preconceitos que ainda existem.

Enfim, neste trabalho, não quero contar verdades ou mentiras, dizer o que é certo ou errado, só quero que a temática da sexualidade comece a ganhar espaço na universidade. Diante desta empreitada, compartilho com Foucault a ideia exposta numa conferência na Universidade de Tóquio em 1978, quando começou a escrever sobre a história da sexualidade: "No estoy seguro de tratarlas de manera adecuada, pero, quizás, el mero hecho de plantearlas ya valga la pena" (FOUCAULT, 2007, p.09). Com certeza valerá à pena!

2 Sexualidade e seus possíveis caminhos para percorrer

A Sexualidade está tão presente na vida de cada um que não podemos silenciá-la. Como professora, quero estar preparada para lidar com as perguntas, por vezes constrangedoras, dos alunos, e também saber respondê-las de maneira coerente. Porém, em nenhum momento do meu curso foi tratada a temática da sexualidade acerca das estratégias de professores para lidar com as perguntas e discursos dos alunos, com uma abordagem honesta e clara. Por isso, tive que buscar em outros meios e fontes as respostas para as minhas dúvidas e anseios.

Uma evidência da falta de espaços de discussão sobre sexualidade são os desenhos e as escrituras nos banheiros das escolas e das universidades, que geralmente são mensagens que chocam. É o meio que os alunos encontraram para poder extravasar, “gritar”, se expressar com liberdade, pois as mensagens não precisam ser assinadas, os autores são anônimos e, dessa forma, eles não precisam ter vergonha e medo dos julgamentos alheios.

Exemplos desse tipo de mensagens podem ser vistos nos banheiros da Faculdade de Educação da UFRGS, onde estão escritas as frases: “Educação Faculdade pra veado!”, “Gaúcho ô povo viado!!!”, alguns escritos até aparecem respostas como na frase “Homem dá mulher come!” e outra pessoa respondeu “Anatomicamente, sim, mas psicologicamente eu gosto de variar → melhor coisa!” e mais uma completou dizendo que “Divisão sexual até pra quem dá ou come é demais! Não fazer algo útil”. Então fica a pergunta: há realmente espaço na universidade para falar de sexo? (Anexo B)

Desde pequenos sentimos a necessidade de conversar abertamente e sem preconceitos sobre sexo. Entretanto, a família nem sempre cumpre esse papel e delega esta responsabilidade à escola, que acaba também por se silenciar. O que está por trás disso é que ninguém se sente preparado para lidar com as questões “cabeludas” que os filhos e alunos fazem e, além disso, temos receio de responder de maneira inadequada ou ainda, muitos acreditam que falar de sexo irá incentivar o outro a fazê-lo. Ademais, temos o pensamento de que não é um assunto de criança e deixamos de lado, postergando as respostas e sonhando informações.

Uma das maneiras que a escola consegue abordar o tema da sexualidade é quando ensina, nas aulas de ciências e de biologia, a anatomia e funcionamento dos aparelhos reprodutores feminino e masculino, porém é muito reducionista tratar a sexualidade somente do ponto de vista biológico, deixando de lado os aspectos sócio-culturais. Os professores devem fazer questionamentos sobre os valores, mitos, estereótipos presentes nos discursos da sociedade, que, geralmente, demonstram uma falsa moral, do tipo “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”.

Na análise de Nunes (1987), a sexualidade “se encontra envolta por um feixe de valores morais, determinados e determinantes de comportamentos, usos e costumes sociais que dizem a respeito a mais de uma pessoa” (p.13) e, conseqüentemente, demonstra um “caráter social explosivo”. Além disso, “é histórica, processual e mutável”, o que “significa que está sempre aberta a novas significações, novas experiências de sentido” (p.17).

Por essas razões, deve-se desvincular o conceito de que a sexualidade é somente uma questão individual, isto é, é também uma questão social. À medida que a taxa de gravidez na adolescência e de portadores de DST cresce a cada ano, a sociedade como um todo é afetada, não apenas os envolvidos. Isto é, existe uma relação de causalidade e reciprocidade entre sexualidade e sociedade, como salientou Nunes, já que os comportamentos sexuais dos indivíduos produzem efeitos na sociedade.

Existem muitos conceitos de sexualidade, alguns mais restritos e outros mais amplos. Neste trabalho estou defendendo uma ideia de uma educação para a sexualidade mais ampla, que, conforme Aller Atucha (1995, p. 27): “La educación sexual que ha de impartirse debe buscar la integración plena de la sexualidad dentro del contexto de todas las manifestaciones bio-psico-sociales y existenciales de cada persona”. Por isso, usarei nos meus argumentos, discursos e análises de uma definição que considero mais abrangente, que abarca o que acredito que seja a sexualidade, que é a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS) em que a sexualidade é vista como

la integración de los aspectos físicos, emocionales, intelectuales y sociales de un ser humano de maneras que permiten un enriquecimiento positivo y mejoran la personalidad, la comunicación

y el amor. Cada persona tiene el derecho a recibir información sexual y a considerar las relaciones sexuales por placer y aquellas destinadas a la procreación. (GUÍA DE GÉNERO - on-line)

Acrescentando, segundo Guacira Louro (1999, p.11), “a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política [...], é ‘aprendida’, ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos”. Além disso,

La sexualidad humana abarca el conocimiento, creencias, actitudes, valores y comportamientos de los individuos a nivel sexual. Sus dimensiones incluyen la anatomía, psicología y bioquímica del sistema de respuesta sexual; la identidad, orientación, funciones y personalidad; y los pensamientos, sentimientos y relaciones. Los valores éticos, espirituales, culturales y morales influyen en la expresión de la sexualidad. (GUÍA DE GÉNERO – on-line)

Finalmente, conforme o sociólogo e reconhecido Educador Sexual Argentino Aller Atucha (1995, p.6), na atualidade se fala e se discute sobre as vantagens e utilidades da educação sexual e a progressiva aceitação nos mais diversos países e isto parece indicar que se trata de uma conquista irreversível da humanidade. Surge, portanto, uma forte necessidade de definir os conceitos e a filosofia de vida que constituirão este tipo de educação.

3 Principais caminhos (concepções) de Sexualidade segundo Aller Atucha

Há uma diversidade enorme de conceitos de sexualidade, tanto na linguagem corrente do senso comum quanto em análises científicas. No entanto, neste capítulo irei tratar das correntes metodológicas descritas por Luis María Aller Atucha.

Aller Atucha é graduado em Comunicação Social com pós-graduação em “Sociología para el Desarrollo” e fez especialização em Educação Sexual. Foi também “Especialista en Educación Sexual” pela Federación Latinoamericana de Sociedades de Sexología y Educación Sexual (FLASSES) em 1992. Na atualidade, é Presidente da “Asociación Argentina de Sexología y Educación Sexual” (AASES) e coordenador acadêmico dos cursos de Formação de Educadores Sexuais na mesma associação.

Segundo ele, no livro *Pedagogía de la Sexualidad Humana. Una aproximación ideológica y metodológica* (1995, p. 46-55) há sete correntes conceituais, nas quais aparecem diferentes formas de entender e explicar o comportamento sexual atual.

As correntes metodológicas apresentadas são: moralista, erótica, biológica, mecanicista, patológica, integral e por fim, dialógica conscientizadora. Podemos perceber estas concepções nas representações, nos sentimentos e nas contradições dos discursos presentes no nosso dia-a-dia. Podem ser discursos religiosos, científicos, pedagógicos, midiáticos, entre outros.

3.1 Concepção Moralista

Esta concepção está caracterizada pela negação e pelo silenciamento. Dita certos comportamentos como desejáveis e saudáveis e, o que não está previsto neste conceito, é visto como pecaminoso, ilegítimo e anormal, entre outros termos pejorativos. O que é visto como bonito, certo e aceitável seria a pureza, a castidade e a virgindade. Além disso, a prática sexual se limita à necessidade de reprodução, ou seja, a única função do sexo seria a procriação. Consequentemente, o prazer sexual é condenado e a valorização do ato sexual

em si também.

Podemos perceber essa corrente em algumas instituições mais conservadoras: igrejas, algumas escolas e algumas famílias. As características desse tipo de educação sexual são conhecidas por todos, pois conforme Aller Atucha (1995),

el sexo es un tema prohibitivo y desvinculado en la realidad de la familia y de la escuela; cuando aceptado, se trata apenas de prevenir vicios morales que la sociedad condena, situando el sexo en el terreno de lo patológico.

Enfim, é uma corrente reducionista e repressora da sexualidade.

3.2 Concepção Erótica

Essa concepção é oposta às ideias da concepção moralista, pois dá importância aos aspectos subjetivos da sexualidade, ênfase ao prazer sexual e incentiva a capacidade erótica dos seres humanos. No entanto, como afirma Aller Atucha, é uma visão que “desvaloriza la sexualidad como expresión del amor, limitando su dimensión a un intercambio de experiencias y juegos en busca de la auto-satisfacción del cuerpo”.

Essa corrente é muito utilizada pela sociedade de consumo, isto é, nos meios publicitários, onde o corpo tornou-se uma mercadoria. Nas propagandas da televisão e de revistas, por exemplo, apresentam corpos idealizados e erotizados que são usados para vender produtos não somente para o público adulto, mas também para o público infantil. Há a mensagem de que as pessoas “precisam” consumir tal produto para sentirem-se desejadas, cobiçadas.

3.3 Concepção Biológica

Essa concepção define o sexo “como un componente biológico del hombre,

íntimamente vinculado al proceso de reproducción humana”. Os “órgãos reprodutores” condicionam a totalidade das manifestações da sexualidade nos diversos planos da vida social e individual. Dessa forma, as diferenças masculinas e femininas, tanto físicas como psicológicas, são determinadas pela biologia.

Portanto, o mais importante desta corrente é informar sobre a fisiologia da reprodução humana, ou seja, como funcionam os aparelhos reprodutores masculino e feminino, o processo de fecundação, etc. Também, acredita na natureza instintiva do homem, e o aspecto existencial psicológico e social do ser humano é deixado de lado. Conforme Aller Atucha, essa concepção foi muito empregada nos materiais educativos na América Latina nos anos 70, e na atualidade aparecem em menor quantidade. Isto é, a educação sexual que muitos de nós tivemos na escola pertencia a essa corrente metodológica.

3.4 Concepção Mecanicista

É uma concepção que trata da questão fisiológica do coito. O homem aparece como “un ser compuesto de 'mecanismos' que le permiten tener un acoplamiento sexual, que puede o no resultar satisfactorio. Se trata de enseñar a emplear estos 'mecanismos' en forma perfecta, permitiendo una utilización plena y placentera”. Esta corrente pretende solucionar problemas de coito através do ensino de melhores técnicas de penetração e de formas de aumentar o prazer físico durante o ato sexual.

3.5 Concepção Patológica

Esta é uma concepção que tem seu foco nas DST e, como complementa Aller Atucha, “reduce la enseñanza de la educación sexual a los aspectos problemáticos del ejercicio de la sexualidad, ya sea desde el punto de vista de salud como social”. Além disso, as variantes e desvios sexuais como, por exemplo, a zoofilia, a necrofilia, entre outras, são tratadas como um comportamento esperado, já que grande parte da população não tem uma orientação adequada.

Essa corrente está vinculada à concepção moralista, pois juntas servem para diminuir a imagem do sexo como um meio de obtenção de prazer.

3.6 Concepção Integral

Esta concepção é chamada de integral por considerar o homem como uma unidade “bio-psico-social”. Ela apresenta uma alternativa válida frente às correntes tradicionais descritas anteriormente. No entanto, para Aller Atucha (1995), essa corrente

debe denominarse “seudo-integral” ya que también es reduccionista al dejar de lado el componente existencial del hombre. Por otra parte, [...] pretende dar “respuestas” a todo lo referente a la sexualidad humana. [...] el hombre no tiene partes olvidadas, separadas, sucias o pecaminosas en sí mismas.

A realidade humana, para essa concepção, não é dissociada conforme o modelo alma-espírito, mente versus corpo. Tanto o físico como o psicológico são considerados simples componentes do ser humano, que cotidianamente se confronta com outros seres, “recreando el sistema 'relacional' social (el tercer componente humano)”.

É uma corrente de grande importância dentro do pensamento moderno da sexualidade humana.

3.7 Concepção Dialógica Conscientizadora

A última concepção que surgiu foi a dialógica conscientizadora, baseada no emprego de metodologias participativas de ensino para a formação de educadores e orientadores em sexualidade humana, associada às propostas de Paulo Freire sobre educação horizontal.

Esta corrente, segundo Aller Atucha (1995), pressupõe que,

en el comportamiento sexual humano no existen conductas “normales” y “anormales” claramente definidas, sino por el contrario, una amplia gama de comportamientos variables, válidos, aceptables según situaciones culturales y personales.

Isto é, não aceita definições rígidas e nem a ideia de comportamentos sexuais determinados como “normais” e “desejáveis”. Ela incorpora o componente “existencial” à definição de homem, como um ser “bio-psico-social” e defende a escolha existencial do comportamento sexual de cada indivíduo.

A questão de formação de educadores está calcada no trabalho de “talleres vivenciales”, onde os participantes têm que enfrentar sua própria sexualidade e aprendem a entender e a respeitar o exercício da sexualidade do outro. As respostas que dão aos futuros educadores estão baseadas na construção compartilhada de saberes através de diálogos e análises dos problemas e das soluções que cada situação apresenta.

Portanto, “rescata el placer sexual como un valor en sí mismo y pregona la necesidad de dialogar y concienciar a profesionales, educadores, jóvenes y adultos sobre todos los aspectos vinculados a una sexualidad sana, placentera y responsable”. Dessa maneira, essa concepção seria a mais adequada a uma educação para a sexualidade.

4 Caminho metodológico de análise

A pesquisa realizada foi de cunho qualitativo, utilizando um questionário (apêndice A) com quatro perguntas abertas que foram construídas com base no referencial teórico descrito no capítulo anterior. Antes de ser aplicado esse questionário foi realizado um projeto piloto com 3 pessoas conhecidas para ter uma noção das possíveis respostas e se estariam de acordo com os objetivos da pesquisa.

O questionário foi realizado no dia 27/09, via moodle, nas turmas A e B da disciplina Psicologia da Educação: Adolescência I. Participaram, no total, 29 alunos de Licenciatura: 13 da Física, 7 da Artes Visuais, 4 da Letras, 3 da Química, 1 da Artes Plásticas, 1 da Biologia. Também participou 1 aluno da Comunicação Social (Jornalismo). Os 30 são estudantes da UFRGS. Entre eles, 14 mulheres e 16 homens, do 2º ao 8º semestre, com idades que variam entre 17 a 56 anos, a maioria na faixa dos 20 - 30 anos. 16 desses alunos já tiveram alguma experiência docente (Anexo A).

Escolhi as turmas da disciplina Psicologia da Educação: Adolescência I, pois desde o semestre passado sou monitora dessa disciplina e, por isso, já conheço um pouco os alunos e sei que o tema sexualidade sempre aparece nas discussões e nos projetos das turmas. Além disso, esses alunos trabalham ou trabalharão com adolescentes. É importante ressaltar que o fato de nos conhecermos previamente pode ter influenciado suas respostas no questionário.

O questionário foi anexado no moodle, que é a plataforma usada na disciplina e que todos os alunos têm acesso. A princípio eles tiveram que baixar o arquivo intitulado “questionário”; em seguida responder as questões on-line e, por fim, enviar seu arquivo com as respostas pelo próprio moodle. Somente eu e a professora Luciane Corte Real, que é a professora dessa disciplina e minha orientadora neste trabalho, tivemos acesso aos arquivos postados na plataforma.

Antes de passar o questionário, expliquei aos alunos os objetivos da pesquisa e, em seguida, entreguei um termo de consentimento livre e esclarecido (apêndice B), o qual todos assinaram com a prerrogativa de que suas respostas seriam anônimas. Além disso, lhes pedi para que não buscassem na Internet as respostas.

5 Análise dos questionários

Analisei os discursos de alguns alunos da graduação da UFRGS para ver se eles sentem necessidade de estudar a temática da sexualidade na universidade, ou seja, se acreditam na relevância desse tema na formação de professores. Porém, antes disso, analisei suas concepções de sexualidade para levantar hipóteses das educações sexuais que tiveram ao longo da sua caminhada. Escolhi essa metodologia porque concordo com Oliveira (1994, p. 64) quando explicita que “não é possível viver em sociedade sem receber algum tipo de educação sexual”, já que inúmeras instituições (família, escola, igreja, etc) contribuem para que esta educação sexual se concretize. Está implícita nas falas e nas atitudes cotidianas dessas instituições e vivemos a vida toda sob essas influências.

Para começar a análise, foi feita uma leitura geral das respostas e, através da leitura da pergunta número 1 (“O que é sexualidade para você?”), surgiram alguns pontos de semelhança entre as respostas dos alunos. A partir dessas semelhanças foram levantadas categorias de definição do que é sexualidade para os alunos. As categorias são: sexualidade como uma questão biológica, como gênero sexual, como opção sexual e ligada à busca de prazer.

A maioria das respostas não foi enquadrada em uma única categoria e outras não foram possíveis categorizar. Como só foi feito um questionário e não foi realizada nenhuma entrevista posterior, algumas respostas não ficaram totalmente claras, deixando dúvidas.

Nessa análise somente serão citadas algumas respostas que foram julgadas como relevantes para a pesquisa. Além disso, se uma resposta está em uma categoria, não quer dizer que ela não se enquadra também em outra, como foi mencionado anteriormente. As categorias não são excludentes.

5.1 Sexualidade

1) O que é sexualidade para você?

Nesta pergunta, muitos estudantes demonstraram dúvida ao responder e em suas próprias respostas, por exemplo, na da aluna A2: “Creio que é a área que trabalha as questões do conhecimento do corpo, que trata da gravidez, questão de gênero, enfim, na verdade não sei muito bem”. Também, na resposta da aluna A4: “É algo difícil de explicar, mas, imagino que seja ligado a questões de gênero (feminino e masculino) e no que tais questões implicam[...]”. Outro exemplo é o do aluno A13 que apenas respondeu: “Não sei como explicar”. Como se pode perceber, para eles a definição de sexualidade ainda não está muito clara.

Diante da insegurança ao responder percebe-se a falta de informação e conhecimento do assunto. No entanto, o objetivo desta pesquisa não era ver se os alunos acertariam essa pergunta, até porque existem muitas definições de sexualidade, mas o propósito aqui foi de ver a reação deles em relação à questão, ver se eles têm alguma definição clara e objetiva do que é sexualidade, pois como já foi dito anteriormente, é um tema muito complexo. Não há uma definição única e absoluta, já que é um assunto que envolve crenças e mitos e, além disso, cada um sente e vive sua sexualidade de uma maneira diferente.

A seguir são descritas as categorias de análise. As siglas que aparecem acima e nos quadros abaixo são referentes aos alunos participantes, detalhados na tabela do Anexo A. As siglas foram escolhidas aleatoriamente.

Categoria: Sexualidade como uma questão biológica

A29 – Para mim é algo natural e necessário. Nos reproduzimos desde que surgiu a vida, e nós primatas temos comportamentos sexuais bem evidentes, tendendo a ter muitos filhotes.
[...]

A22 – Sexualidade para mim é tudo aquilo que se refere à reprodução. Que serve como índice ou ícone ao sexo, ao perpetuamento da espécie. Desde a ação efetivamente consciente à inconsciente.

A20 – Envolvimento de duas pessoas com pensamentos e/ou atos eróticos. Funcionamento do nosso corpo de maneira sexual.

A18 – Conhecimento sobre seus instintos sexuais.
--

Esta categoria apareceu em 15 respostas, isto é, a metade dos questionários. Com as respostas descritas acima, observa-se que esses alunos não diferenciaram sexualidade de sexo, pois para que haja reprodução é necessário o ato sexual e, dessa forma, a relação heterossexual seria a única possível e correta. O objetivo do ato sexual seria então a reprodução, ou melhor, como A22 declarou, o “perpetuamento da espécie” e não a busca pelo prazer. Outro argumento muito presente nos questionários foi o de relacionar a sexualidade ao “funcionamento do nosso corpo de maneira sexual” (A20). Esses são discursos visivelmente biológicos.

A concepção biológica segundo Aller Atucha (1995) é a que mais tem evidência no âmbito escolar já que é nas disciplinas de Ciências e Biologia que os alunos têm mais informações à cerca da sexualidade. No entanto, é trabalhada de maneira restrita, ou seja, reduzida a questões puramente biológicas. São ensinados os aparelhos reprodutores, os métodos contraceptivos e as doenças sexualmente transmissíveis (DST) e, dessa forma, a sexualidade é relacionada somente com o ato sexual em si (sexo). Ademais, a questão do prazer é silenciada na educação escolar e as questões históricas e sócio-culturais da construção da sexualidade são desconsideradas, isto é, o determinismo biológico ganha mais ênfase. Portanto, como o argumento biológico é muito forte e presente nas salas de aula e na mídia (revistas), a maioria das pessoas vinculam sexualidade somente com o ato sexual e com os aspectos biológicos.

Categoria: Sexualidade como Gênero Sexual

A4 – É algo difícil de explicar, mas, imagino que seja ligado a questões de gênero (feminino e masculino) e no que tais questões implicam, o que surge a partir disso (de dúvidas, de certezas, de questionamentos, de vergonhas, etc).

A19 – Sexualidade é tudo que está relacionado às diferenças de gênero.
--

A26 – O conjunto de comportamentos do ser humano frente ao seu gênero sexual.

Essa categoria apareceu em 9 questionários. Conforme as respostas, fica entendido que os alunos relacionaram sexualidade com a questão de gênero sexual. Foram respostas bem diretas, aparecendo repetidamente o uso da expressão “gênero sexual”. Por outro lado, os alunos que relacionaram sexualidade com questões biológicas não se utilizaram do termo “biológico”.

Neste momento, surge a pergunta: será que gênero sexual para a maioria deles é uma questão puramente biológica, ou seja, as características de ser homem ou de ser mulher estão ligadas somente aos órgãos masculino e feminino? Em caso positivo, sexualidade seria também reduzida ao determinismo biológico e as questões sociais e culturais ficariam de lado. No entanto, para a aluna A4, envolve os questionamentos referentes à questão de gênero e, dessa maneira, é também um assunto psicológico, social e cultural.

Portanto, 30% das respostas apontaram sexualidade como gênero sexual e suas implicações. Geralmente, a questão de gênero sexual, principalmente sobre as diferenças entre homem e mulher, é muito abordada na mídia e nos discursos “machistas”, os quais afirmam que cada gênero sexual tem suas características (mulher delicada, homem forte) e cada um tem seu papel na sociedade (mulher - professora, enfermeira; homem - bombeiro, pedreiro, etc.). Ademais, a concepção erótica dos meios de comunicação se utiliza dessas supostas diferenças para vender seus produtos.

Categoria: Sexualidade como Opção Sexual

A9 – Está relacionada à orientação sexual dos indivíduos, bem como à construção de identidade.

A12 – Um termo utilizado por cada pessoa para que a mesma faça sua própria distinção sobre sua opção sexual.

A17 – Sem pesquisar, só posso relacionar sexualidade com a opção sexual da pessoa.

Foram enquadradas nessa categoria 8 respostas. Entre elas, foram selecionadas essas três, nas quais os alunos relacionaram sexualidade com a opção sexual (assexual,

heterossexual, homossexual, bissexual, pansexual) dos indivíduos. Isso demonstra que sexualidade seria a escolha sexual, ou seja, por qual gênero (masculino e feminino) a pessoa se sente preferencialmente atraída física e/ou emocionalmente.

Igualmente nas respostas da categoria “Sexualidade como Gênero Sexual”, nas dessa categoria também apareceram expressões que facilitaram a análise: “opção sexual” em 3 respostas, “orientação sexual” em 1 e “escolha sexual” em 1. As outras 3 respostas foram identificadas por outros termos como, por exemplo, “interação com o sexo oposto [...]” (A11).

Atualmente, as discussões sobre orientação sexual estão mais presentes no cotidiano através da mídia, dos movimentos sociais de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), entre outros. Portanto, essa categoria apareceu porque é um tema que está muito evidente hoje em dia.

Categoria: Sexualidade ligada à busca de prazer

A10 – É a busca do prazer, que tem seu início na adolescência.

A24 – É o ponto mais íntimo do ser humano, onde começa suas buscas mais primitivas pelo prazer, conhecimento do seu próprio corpo e sua relação com o outro.

A14 – Sexualidade é, de todo modo, o principio da autodescoberta. Está inserido, obviamente, no avanço dos relacionamentos e envolvimento sexuais e amorosos a descoberta, o desvendar dos limites do parceiro(a) e ambos desfrutam da intimidade para saber mais de si, da transfiguração do prazer como algo lúdico, ou seja, um jogo entre o constituir-se das próprias conquistas e desfrutar do gozo das virtudes do corpo [...].

Somente 4 alunos apontaram sexualidade como uma busca de prazer, o “desfrutar do gozo das virtudes do corpo” (A14). Segundo eles, para isso, é preciso se auto-conhecer e se relacionar com o outro. Além disso, para a aluna A10 a sexualidade só começaria na adolescência, época em que sentir prazer já é possível. Já para A24, seria algo mais primitivo, relacionado aos instintos sexuais, que de certa forma, é algo que não teríamos controle.

Através da análise pode-se perceber que a maioria dos estudantes universitários da UFRGS, os quais participaram desta pesquisa, definiu sexualidade relacionada com aspectos biológicos, ou seja, a concepção mais presente foi a biológica.

Também houve respostas que não se enquadraram em nenhuma categoria, pois tinham outras definições, como, por exemplo, a que disse que sexualidade “é a capacidade que o ser humano tem de se relacionar com outros seres humanos de várias formas, como abraço, afeto, beijo, sexo, carinho” (A25), ou seja, é a interação corporal e emocional entre indivíduos. Sem categoria, também, a definição de A7 afirmou que “é a relação entre a pessoa e o seu corpo, sua intimidade, sensações, desejos, etc...”, isto é, algo mais individual. Por fim, houve uma definição evasiva, a resposta da A21, onde sexualidade aparece como “todo o desejo de potência”, que tipo de potência seria esse?

Também apareceram respostas que se encaixam em várias categorias, não limitando a sexualidade a um só aspecto, como o aluno A30 que afirmou “É um processo de relacionamento com o sexo oposto (opinião minha) visando: a) a realização de desejos de obtenção do prazer. E neste caso, obter prazer é também proporcionar prazer e, b) a continuidade da espécie. [...] Não é a mesma coisa que sexo, mas de uma forma ou de outra, nos remete a ele”. Outra estudante, a A6, disse que “sexualidade é uma área que aborda todas as questões referentes ao sexo, desde as manifestações hormonais, chegando ao sexo ‘carnal’ até às representações sexuais de cada sexo (masculino, feminino, outros)”. E, por fim, A16 respondeu que “sexualidade é tudo que está relacionado com o sexo. Tanto no desenvolvimento dos órgãos sexuais, a sua escolha sexual quanto o ato sexual”. (grifos meus)

5.2 Importância da sexualidade na universidade

2) Você considera importante discutir o tema sexualidade na universidade? Por quê?

A1 – Sim. A sexualidade está muito presente no cotidiano de cada um, mas ainda damos pouco valor ao estudo dessa questão. Acredito que a maneira que uma sociedade lida com a sexualidade em seus vários aspectos reflete vários valores desta, e uma mudança na visão da

sexualidade leva a mudanças na maneira que as pessoas se relacionam. Muitos assuntos relacionados com a sexualidade são abordados todo o dia, mas poucas vezes dentro de uma universidade, com pouca troca de opiniões, e o assunto fica muitas vezes sem fundamento e as pessoas restritas as suas próprias opiniões. A homossexualidade é um dos assuntos mais presentes no nosso dia-a-dia, mas como pouco fazemos as pessoas pensarem no assunto, a homofobia ainda está muito fixa em cada um. Quanto mais damos nossa opinião para alguém, e quando a damos com um fundamento, ou conhecimento, mais forçamos a pessoa a pensar no assunto.

A2 – Creio que sim, pois enquanto educadores lidamos com adolescentes que muitas vezes não possuem informações a esse respeito, não são instruídos em casa e creio que é papel da escola fornecer esse conhecimento.

A6 – Acho importante para preparar os futuros professores para as questões com as quais inevitavelmente eles irão deparar-se em sala de aula, instrumentalizando-os para responder as questões com naturalidade, de forma clara e correta, sem preconceitos.

A15 - Não. Como futuro professor, acredito firmemente que, além do papel de proporcionar aos alunos um conhecimento enciclopédico, a escola tem sim um papel humanizador na sociedade. Por mais que a escola tenha sim um papel humanizador na sociedade, ao meu ver, não faz parte das incumbências das escolas instruir os alunos a respeito de um assunto tão íntimo e que foge de conclusões generalizadas. Não existe um algoritmo, uma fórmula para uma boa discussão sobre o assunto; além de que, justamente por se tratar de um assunto delicado, ao ser abordado por um mal profissional pode acarretar problemas grandes na formação do cidadão. Temos que hoje as escolas – tanto públicas, tanto particulares - estão se transformando em depósitos de crianças, e a sociedade está cada vez colocando mais pressão para a escola instruir os alunos a respeito de assuntos que cabe ora ao estado, ora à família, ora à própria reflexão do aluno. Concluindo, creio que a universidade deve preparar os professores para serem fortes em conteúdo e para que tenham consciência sobre o papel humanizador que hoje a escola desempenha; entretanto, ao meu ver, certos temas, entre eles o da sexualidade, não precisaria ser abordado.

A12 – Não, porque acho um assunto muito fora de minhas metas na faculdade; não me interessa debater sobre um tema que parte de pura convivência (experiência) e mentalidade de cada um.

Nessa questão, dos 30 questionários, 27 alunos responderam que sim, é importante discutir o tema na universidade. Apenas 3 responderam que não, ao que um deles não justificou sua resposta.

O aluno A15 acredita que alguns temas, como a sexualidade, não devem ser abordados na universidade, já que os professores já têm outras responsabilidades e deveres muito mais importantes. Além disso, afirma que é um assunto particular, íntimo e, portanto, as escolas não devem tratar desse assunto: “justamente por se tratar de um assunto delicado, ao ser abordado por um mal profissional pode acarretar problemas grandes na formação do cidadão”.

Com certeza é um assunto delicado e que se for tratado por um profissional não qualificado na temática da sexualidade pode acarretar grandes problemas na formação dos estudantes, pois o professor pode (des)educar sexualmente, proferir uma educação sexual inadequada e, ainda, reproduzir as crenças e valores deturpados, perpetuando os preconceitos existentes.

Esse aluno também salienta que é um assunto que "cabe ora ao estado, ora à família, ora à própria reflexão do aluno". Ele conclui dizendo que "a universidade deve preparar os professores para serem fortes em conteúdo e para que tenham consciência sobre o papel humanizador que hoje a escola desempenha”, portanto não acredita que a sexualidade faça parte da função da escola.

O estudante A12 não considera importante esse ensino: "porque acho um assunto muito fora de minhas metas na faculdade; não me interessa debater sobre um tema que parte de pura convivência (experiência) e mentalidade de cada um". Ou seja, para ele a sexualidade só pertence ao campo particular, é algo individual, é produto da experiência de cada um. Como já foi dito anteriormente, sexualidade é uma questão social e, dessa forma, é construída por todos, não somente pela experiência de cada um. Os desejos são “fabricados” pela sociedade.

A maioria considera essa educação para a sexualidade muito importante e, como argumenta muito bem a estudante A1, “a maneira que uma sociedade lida com a sexualidade em seus vários aspectos reflete vários valores desta, e uma mudança na visão da sexualidade leva a mudanças na maneira que as pessoas se relacionam”. Isto é, uma educação para a sexualidade traria transformações relevantes para a sociedade. Será que a sociedade quer essa mudança? Além disso, essa estudante compartilha a ideia da concepção dialógica conscientizadora descrita por Aller Atucha, quando relaciona o homem como um ser “bio-psico-social” que precisa de trocas de opiniões e de informações.

No entanto, não se deve colocar de qualquer maneira no currículo o tema da sexualidade. Deve-se pensar numa educação que vise questionamentos e reflexões acerca do assunto, como, por exemplo, pensar na maneira que nosso mundo vive a sexualidade hoje e suas diversas possibilidades, para tratar todos com respeito.

5.3 Disciplinas da graduação

3) Em alguma disciplina da graduação houve alguma discussão que abordava o tema da sexualidade? Em qual disciplina? Como foi abordado (brevemente, diretamente, indiretamente, etc)?

A8– Em nenhuma disciplina e nem na educação básica.

A4 – Indiretamente talvez já tenha sido abordado o assunto, mas não lembro exatamente em qual(is) disciplina(s).

A18 - Psicologia da Educação: Educação e suas Instituições, foi breve.

A19 – Sim. Psicologia da Educação I. O assunto foi abordado brevemente, surgiu a partir de um “desvio” de um outro tema.

A12 – Na disciplina de Psicologia da Educação I-A, Psicologia da Educação: Educação e suas Instituições. Foram abordagens variáveis, sendo o assunto sempre comentado durante

os semestres das respectivas disciplinas.

A28 – Foi abordado na disciplina de Psicologia da Educação num trabalho em grupo sobre Freud, sobre as relações que ocorrem entre as pessoas, pais e filhos e uma discussão em aula sobre a atitude dos adolescentes de hoje terem atitudes perante a sociedade que são consideradas erradas, sobre questões de sexualidade [...].

A5 – Sim, foi em uma disciplina da FACED se chama Psicologia da Educação I – A com o professor Paulo Slomp, foram citados diversos assuntos e a turma foi dividida em grupos, cada grupo fez uma apresentação sobre um dos assuntos citados, que dentre eles estava o de sexualidade e que não durou mais do que uma aula.

Nessa questão, 14 alunos responderam que não tiveram em nenhuma disciplina o tema da sexualidade, 3 não lembraram, 6 responderam que em alguma disciplina foi abordado indiretamente, 5 salientaram que foi brevemente e 2 afirmaram que tiveram disciplinas que abordaram diretamente o assunto. As disciplinas citadas por eles são as de Psicologia da Educação: Psicologia da Educação I- A, Psicologia da Educação: A Educação e suas Instituições e Psicologia da Educação: Adolescência I.

Segundo eles, nenhuma trabalhou de maneira direta o tema, pois nenhuma tem no seu currículo a temática da sexualidade. Porém o assunto foi abordado quando os alunos demonstraram interesse ou quando surgiu alguma dúvida, ou ainda como na resposta da aluna A19 “[...] surgiu a partir de um “desvio” de um outro tema”.

Portanto, como a maioria dos estudantes respondeu que não, pode-se afirmar que ainda é pouco abordado o tema da sexualidade na universidade. Se sua presença é escassa no Ensino Superior que forma os professores, conseqüentemente será também no Ensino Básico e Fundamental. Infelizmente, a educação para a sexualidade ainda está longe de ser concretizada devidamente.

5.4 Sentir-se preparado

4) Você se sente preparado e qualificado para responder as questões sobre sexualidade que os alunos podem fazer?

A1 – Acho que é um assunto que devemos primeiramente a estar abertos a falar com isso com os alunos. Me sinto preparada a falar abertamente, seria bom ter um conhecimento mais amplo, um conhecimento que a universidade poderia ampliar. Acho que é um assunto que deveria ser mais discutido, menos “abafado” das salas de aula.

A6 – Com relação ao conteúdo, acredito que sim, mas acredito que teria dificuldade em tratar de alguns temas com naturalidade.

A24 – Acho que não. Tenho dúvidas ainda em quanto posso entrar na intimidade de um jovem, e se as respostas seriam as “corretas”.

A15 – Não, e não creio que isto seja função do professor.

A8 – Creio que não, pois tive certa dificuldade para definir o que para mim é sexualidade e mesmo assim, ainda não tenho certeza de que minha resposta está correta.

A7 – Não, com certeza não. Talvez alguma coisa eu possa responder e orientar, mas não me sinto preparado pra desenvolver o assunto. Os alunos de hoje em dia são meio estranhos (tem uma visão sobre sexo muito banal) e acho que suas dúvidas vão além daquilo que eu possa responder...

A14 – Inquestionavelmente, acredito que não obtenho qualificação para discorrer e preparar jovens acerca de sua sexualidade, pois creio que ao longo da formação acadêmica, haverá maior instruções sobre o comportamento juvenil, portanto, com maior instrução, fio a ideia de estar preparado para incorporar no campo educacional todo e qualquer estudo ou explicação acerca da sexualidade.

A21 – Sem ter um embasamento maior [...] Sem modelos didáticos fica difícil.

Nessa questão, 17 estudantes responderam que não se sentem preparados, 3 acham que estão mais ou menos preparados, 2 talvez estejam preparados, 2 não responderam a

questão e 6 afirmaram que estão preparados. A maioria sente falta de conhecer melhor o assunto e de uma preparação na universidade que forma os futuros professores. Por isso não se sentem preparados para lidar com certas perguntas dos alunos. Ou seja, não se sentem confiantes para trabalhar a sexualidade no âmbito escolar. Portanto, esse assunto acabará sendo mais uma vez silenciado, por falta de embasamento teórico e preparação técnica.

No entanto, o aluno A14 ainda acredita que até o final do curso terá instrução e conseqüentemente estará qualificado “para incorporar no campo educacional todo e qualquer estudo ou explicação acerca da sexualidade”.

Outra questão que aparece é que alguns não sabem como tratar o tema com naturalidade, sem preconceito e sem pudor, pois conforme a aluna A6, “Com relação ao conteúdo, acredito que sim (está preparada), mas acredito que teria dificuldade em tratar de alguns temas com naturalidade”. Outros demonstraram desconfiança e medo, pois como afirma o estudante A7, “[...] Os alunos de hoje em dia são meio estranhos (tem uma visão sobre sexo muito banal) e acho que suas dúvidas vão além daquilo que eu possa responder..” e também o aluno A24 “[...] Tenho dúvidas ainda em quanto posso entrar na intimidade de um jovem, e se as respostas seriam as 'corretas'”. (grifos meus)

Por fim, a partir da análise dos questionários e das sete concepções de sexualidade de Aller Atucha, pode-se concluir que a concepção que mais apareceu nos questionários foi a biológica e as concepções moralista e erótica também apareceram, mas de maneira menos evidente.

6 Caminhos percorridos e novos rumos

Na educação brasileira a sexualidade sempre ficou em segundo plano. O governo esquece que a falta de uma educação sexual nas escolas ou as consequências de uma educação sexual inadequada reflete na vida de todos, porque é uma questão de saúde pública, é um problema, ao mesmo tempo, pessoal, familiar e social. As pessoas têm carência de esclarecimentos e de conversas claras e honestas, sem distorções ou eufemismos.

Com a análise dos questionários pude perceber que a maioria dos estudantes teve muitas dificuldades para responder o que é sexualidade, além de um deles simplesmente não ter respondido. Outros ficaram muitos minutos parados diante da questão, escreviam algumas palavras e logo as apagavam. Acho que isso se deve à falta de conhecimento e falta de reflexão sobre o tema. As pessoas não pensam muito a respeito. No entanto, apareceram muitas respostas interessantes, onde se pode perceber as crenças, os valores incutidos na cabeça de cada um e suas concepções de sexualidade.

Percebeu-se que quem teve na universidade alguma disciplina que abordou de maneira mais direta e completa o tema sexualidade teve mais facilidade em responder as questões, sentindo-se mais à vontade e seguros. Além disso, as respostas se refletiam, ou seja, o que eles responderam sobre o que aprenderam na disciplina foi parecido com o que responderam sobre o que é sexualidade.

A sexualidade é considerada, pelos futuros professores, como um dos temas mais difíceis de ser tratado em sala de aula, o que é consequência da falta de preparo. Dessa forma, as universidades que formam professores teriam que ter também como meta preparar os docentes para uma educação que também aborde a sexualidade e, assim, construir um novo fazer docente.

Uma abordagem ampla e franca das temáticas ligadas à sexualidade, segundo Oliveira (1994, p.3-4), favoreceria “o desenvolvimento de atitudes conscientes e responsáveis perante o 'sexual', resultando na formação de indivíduos capazes de compreender e conviver 'sadiamente' [...] com a sexualidade dos outros e com a sua

própria”.

Em primeiro lugar, a universidade deveria abrir espaços onde o futuro professor pense na sua própria sexualidade, para que depois consiga trabalhar com a sexualidade do outro, que, neste caso, seria a dos alunos. Dessa forma, seria uma educação visando à saúde, ou seja, ajudando os seus participantes a conseguir um estado de equilíbrio físico e mental. Não é uma tarefa fácil, pelo contrário, é muito complexa e ambiciosa.

Portanto, é muito relevante discutir o tema da sexualidade na formação docente, já que há necessidade de preencher uma lacuna na formação de professores, pois acredito que um dos deveres do professor é orientar e ajudar a seus alunos a viver sua sexualidade de forma saudável, prazerosa e responsável. No entanto, os futuros professores não estão sendo preparados para abordar o tema através de diálogos que sejam honestos e isentos de preconceitos e mitos.

Concluindo, cada aluno percorreu um caminho e é produto das rotas, trilhas e atalhos que a vida lhe oportunizou. E como é característica da vida, cada aluno continuamente toma novos rumos.

7 Logradouros

ALLER ATUCHA, Luis Maria. Pedagogía de la sexualidad Humana. Una aproximación ideológica y metodológica. Buenos Aires: Editorial Galerna, 1995.

ALVARENGA, Luiz Fernando Calage; IGNA, Maria Claudia Dal. Corpo e sexualidade na escola: as possibilidades estão esgotadas? In: MEYER, Dagmar & SOARES, Rosângela (Org.). Corpo, gênero e sexualidade. Porto Alegre: Mediação, 2004.

ARGENTINA. Ley N° 26.150 - Programa Nacional de Educación Sexual Integral - Poder Legislativo Nacional. Disponível em: <http://www.caq.org.ar/shop/detallenot.asp?notid=1601>
Acesso em: 16 de set. 2010.

BEAUVOIR, Simone. Frase "la mujer no nace, se hace...". Disponível em: http://www.diplomatie.gouv.fr/es/arquivos-label-france_846/numeros-label-france_847/label-france-no63_1441/letras_1449/simone-beauvoir-viva_2091.html
Acesso em: 06 de set. 2010.

FOUCAULT, Michel. Sexualidad y poder (y otros textos). Barcelona: Ediciones Folio, 2007.

FURLANI, Jimena; LISBOA, Thais Maes. Subsídios à educação sexual a partir de estudo na internet. In: MEYER, Dagmar & SOARES, Rosângela (Org.). Corpo, gênero e sexualidade. Porto Alegre: Mediação, 2004.

GOLDBERG, Maria Amélia. Educação Sexual: uma proposta, um desafio. São Paulo: Cortez, 1988.

GUÍA DE GÉNERO. Guía útil de recursos en internet sobre género y desarrollo. Disponível em: http://guiagenero.mzc.org.es/GuiaGeneroCache/Pagina_Educacion_000342.html
Acesso em: 21 de out. 2010.

LOMAS, Carlos. ¿Iguales o diferentes? Género, diferencia sexual, lenguaje y educación. Barcelona: Paidós, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MELO, Jaqueline de Almeida. Educação para a sexualidade na formação docente: um instantâneo sobre a Rede Municipal de Educação de São Leopoldo/RS. 2009. 44 f. Trabalho

de conclusão (especialização) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Especialização em educação, sexualidade e relações de gênero, Porto Alegre, BR-RS, 2009. Ori.: Santos, Luís Henrique Sacchi dos.

MOODLE. Disponível em: moodleinstitucional.ufrgs.br/login/index.php

MORGADE, Graciela. Aprender a ser mujer. Aprender a ser varón. Buenos Aires: Novedades Educativas, 2001.

NUNES, César Aparecido. Desvendando a sexualidade. Campinas: Papirus, 1987.

OLIVEIRA, Dora Lúcia Leidens Corrêa de. Sexualidade na escola pública: limites e possibilidades da educação de professores. 1994. 295 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 1994.

WAINERMAN, Catalina; DI VIRGILIO, Mercedes; CHAMI, Natalia. La escuela y la educación sexual. Buenos Aires: Manantial; UNF-PA, 2008.

8 Apêndice A

QUESTIONÁRIO

Data:

I - Dados de Identificação

Nome:

Idade:

Curso:

Semestre:

Tem experiência docente?

II - Questões

1) O que é sexualidade para você?

2) Você considera importante discutir o tema sexualidade na universidade? Por quê?

3) Em alguma disciplina da graduação houve alguma discussão que abordava o tema da sexualidade? Em qual disciplina? Como foi abordado (brevemente, diretamente, indiretamente, etc.)?

4) Você se sente preparado e qualificado para responder as questões sobre sexualidade que os alunos podem fazer?

9 Apêndice B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-lo a participar como voluntário do estudo intitulado Pensando caminhos de educação para a sexualidade na formação docente, que se refere a um Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O objetivo deste estudo é analisar a relevância da sexualidade na formação docente. Sua forma de participação consiste em responder as questões do questionário. Seu nome não será utilizado em nenhuma parte do trabalho o que garante seu anonimato e a confidencialidade das informações. Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim, o preferir.

Estou ciente de que obterei as respostas para qualquer dúvida que venha a ter quanto aos procedimentos ou outras questões relacionadas ao presente estudo.

A responsável por este estudo é a aluna Mariana Lemos Ribeiro, que poderá ser contatada pelo telefone (51) 91768281, estando sob a orientação da prof^a Luciane Corte Real.

Porto Alegre, 27 de setembro de 2010.

(Assinatura do participante)

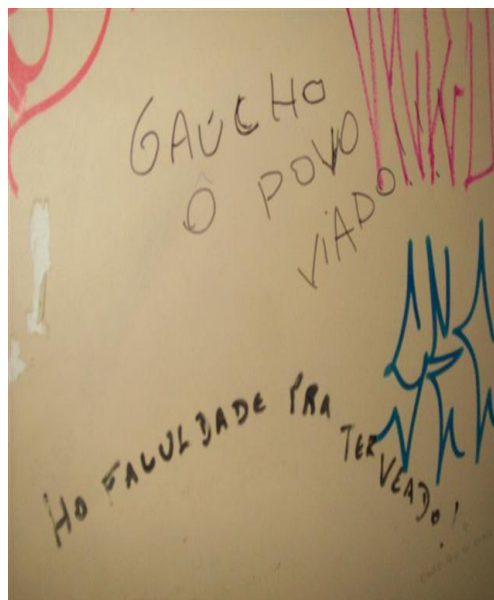
Anexo A

Tabela dos dados de identificação dos alunos

Nome	Homem (H), Mulher (M)	Idade	Curso	Semestre	Experiência Docente
A1	M	19	Física	4°	Não
A2	M	22	Letras	8°	Sim
A3	M	29	Artes Visuais	5°	Sim
A4	M	21	Letras	8°	Sim
A5	H	20	Física	4°	Não
A6	M	25	Artes Visuais	6°	Sim
A7	H	26	Física	3°	Não
A8	H	23	Física	3°	Não
A9	H	25	Letras	8°	Sim
A10	M	23	Química	4°	Não
A11	H	32	Física	6°	Sim
A12	H	18	Física	4°	-
A13	H	26	Física	4°	Não
A14	H	20	Letras	2°	Não
A15	H	19	Física	4°	Sim
A16	M	26	Química	-	Sim
A17	H	22	Física	5°	Sim
A18	H	20	Física	3°	Sim
A19	M	20	Química	4°	Não
A20	H	26	Física	7°	Sim
A21	M	51	Artes Plásticas	6°	Sim
A22	H	17	Comunicação Social	2°	Não
A23	M	30	Física	4°	Não
A24	H	37	Artes Visuais	8°	Sim
A25	M	21	Artes Visuais	4°	Sim
A26	H	42	Artes Visuais	4°	Não
A27	M	56	Artes Visuais	5°	Não
A28	M	20	Letras	6°	Não
A29	M	23	Biologia	8°	Sim
A30	H	52	Física	5°	Sim

Anexo B

Fotos dos banheiros da FACED da UFRGS tiradas dia 30/08



O FIM É O MEU
 HOMEM DA
 MULHER COMEI
 ↳ ANATOM
 MENTE

A mulher de falar
 E RECEBER! É O QUE MOVETU
 É O MEU. NÃO SE FALTA
 COMEI
 ↳ ANATOMICAMENTE, SIM, MAS PSICOLÓGICA-
 MENTE, EU GOSTO DE VARIAR
 ↳ MELHOR COISA!
 DIVERSÃO SEXUAL

!!!
DUBIÃO SEXUAL
#TE PARA
QUEM DA O
COMER JÁ É
POLÍTICOS) DENARIS!
VÃO FAZER ALGO
ÚTIL!